

Ao Pio leitor... o pecado!

O pecado sempre foi objeto do interesse e do cometimento humano e é, antes de tudo, um ato pessoal. Mas, segundo Santo Agostinho, “o pecado torna os homens cúmplices uns dos outros”.

Os pecados considerados mais graves são denominados capitais, porque dariam origem ou levariam a outros pecados que maculam a alma.

Evrágio do Ponto, teólogo e monge grego do século IV, arrolou oito crimes e paixões, em ordem crescente de gravidade, definida pelo grau de egocentrismo humano: gula, luxúria, avareza, melancolia, ira, acídia (preguiça espiritual), vaidade e orgulho. São Gregório Magno (Papa, entre 590 e 604), dedicando-se ao estudo do pecado, deu início à Doutrina do Pecado Capital e estabeleceu uma lista com sete pecados, entendendo que “vaidade” e “orgulho”, assim como “acídia” e “melancolia”, eram a mesma coisa, e incluiu a inveja. O papa classificou os pecados em ordem decrescente de gravidade, definida pelo grau de ofensa ao amor: orgulho, inveja, ira, melancolia, avareza, gula e luxúria. No século XVII, a Igreja substituiu a “melancolia” pela “preguiça”.

Várias listas, com diversas ordenações atribuídas por teólogos, surgiram ao longo do tempo. A lista “definitiva” e consagrada no Catecismo da Igreja Católica, estabeleceu como pecados: soberba, avareza, inveja, ira, impureza, gula e preguiça. Para cada pecado capital, em oposição, há uma virtude:

Orgulho/Humildade,
Avareza/Generosidade,
Inveja/Caridade,
Ira/Mansidão,
Impureza/Castidade,
Gula/Temperança,
Preguiça/Diligência.

Cada um desses pecados está muito bem representado no acervo da Fundação Biblioteca Nacional brasileira.

O orgulho está expresso nas muitas “brigas” e arrogâncias impressas que, simultaneamente, prejudicaram e promoveram a evolução da ciência. A História do Livro conta sobre publicações que saíram em resposta a outras, desmentindo, respondendo, provocando, comprovando...

Além disso, o orgulho está impresso em múltiplas edições inócuas, que concediam ao autor o prazer de ler seu nome em letras tipográficas. Um bom exemplo é a gramática latina de Johannes Despauterius – foi publicada em tantas e sucessivas edições, com tantas incoerências, que seu sobrenome, dicionarizado, é sinônimo de disparate, bobagem (despautério).

A Preguiça, também conhecida como “o demônio do meio-dia”, é a negação do esforço, é o comodismo, o enfraquecimento da vontade, e aparece evidenciada na história do plágio, documentada em centenas de milhares de páginas, desde o advento da tipografia, no século XV.

A avareza, “a raiz de todos os males”, segundo São Paulo (1Tm 6, 10), está documentada nos orçamentos, nos relatórios de administradores e contadores públicos e de coletores de impostos, nas cartas de crédito, declarações de pobreza e testamentos.

A Inveja, o pecado “inconfessável”, se esconde e se mostra em textos manuscritos e impressos, que devastaram espíritos em seu tempo, e que, hoje, podem destruir as imagens de seus próprios autores – personagens históricos, ainda, considerados exemplares.

A Ira está na raiva excessiva, que arde no íntimo ou explode, levando à impaciência, à violência, ao ódio – valores cultuados em obras como “Histoire de Barbarie” (1649), de Pierre Dan, com imagens de técnicas de tortura, que ainda chocam, 350 anos depois de sua publicação.

A Impureza ou Luxúria mantém seu efeito transgressor na Biblioteca, para o bem e para o mal, como uma força latente, aguardando o olhar curioso ou descuidado que perderá, no momento seguinte, a inocência. Segundo Perier, em seu “Desengano dos peccadores” (1724), “Não há pecado que mais irrite a Deus”.

Inicialmente, em imagens diminutas, escondidas sob disfarces iconográficos, a representação da Luxúria alcançou grandes proporções, na Biblioteca, a plena cor ou com imagens “do natural” (fotografias impressas), produzidas na mesma época a que muitos se referem, dizendo: “no meu tempo não era assim”.

Um exemplo desses tempos sem inocência é a série de folhetos “Bibliotheca de Cuspideos: estimulantes contos com gravuras do natural”, publicada anonimamente nos idos de 1910, com títulos como “Consolo de viúva”, “Laurinha e Bibi” e “O caixeiro bonito”, com fotos impressas, em ótima resolução! Outro exemplo é a “Coleção Verde”, da Imprensa Moderna, publicada no Rio de Janeiro, nos anos de 1930 – trata-se de uma coletânea de folhetos, de capas esverdeadas, com fotografias impressas de mulheres nuas que expunham, languidamente, os seios...

A Gula, a busca do prazer e o alcance do vício pela comida e pela bebida, é a voracidade do estômago, que transforma o pecador, segundo Perier, em “fregueses do Diabo”. É pecado – eu sei – mas, como ignorar a incrível “Arte de cozinha” (1794), de Domingos Rodrigues, mestre da cozinha de Sua Majestade, que além de ensinar os maravilhosos quitutes portugueses do século XVIII, ensina a “preparar mesas em todo o tempo do ano, para hospedar Príncipes e Embaixadores”?

É tudo pecado, todo mundo sabe! Para saber mais, sob a égide da pesquisa dedicada, sem qualquer intuito de alguma forma de prazer, vale ser leitor na Biblioteca Nacional.

Soberba

18 fev.-28 mar. 2008



República Federativa do Brasil
Ministério da Cultura
Fundação Biblioteca Nacional
Departamento de Referência e Difusão
Coordenação de Acervo Especial
Divisão de Obras Raras
Av. Rio Branco, 219 - 3º andar - Centro
20040-008 - Rio de Janeiro - RJ
☎: (21)2220-1726 # telefax: (21)2220-1574
🌐: www.bn.br

Exposição de livros raros, segmentada por “pecados”

Pesquisa/Coordenação:
Ana Virginia Pinheiro, Bibliotecária
Chefe da Divisão de Obras Raras
diora@bn.br

Apoio à Pesquisa:
Sabrina Carvalho Robaina Vidal

Montagem:
Ana Virginia Pinheiro
Claudia Cristiane da F. M. Couto
João Carlos Cândido
Natalia Tortorella dos Santos
Sabrina Carvalho Robaina Vidal

Apoio técnico:
José Fernando de Franco Souza (COMIC)
José Henrique Monteiro

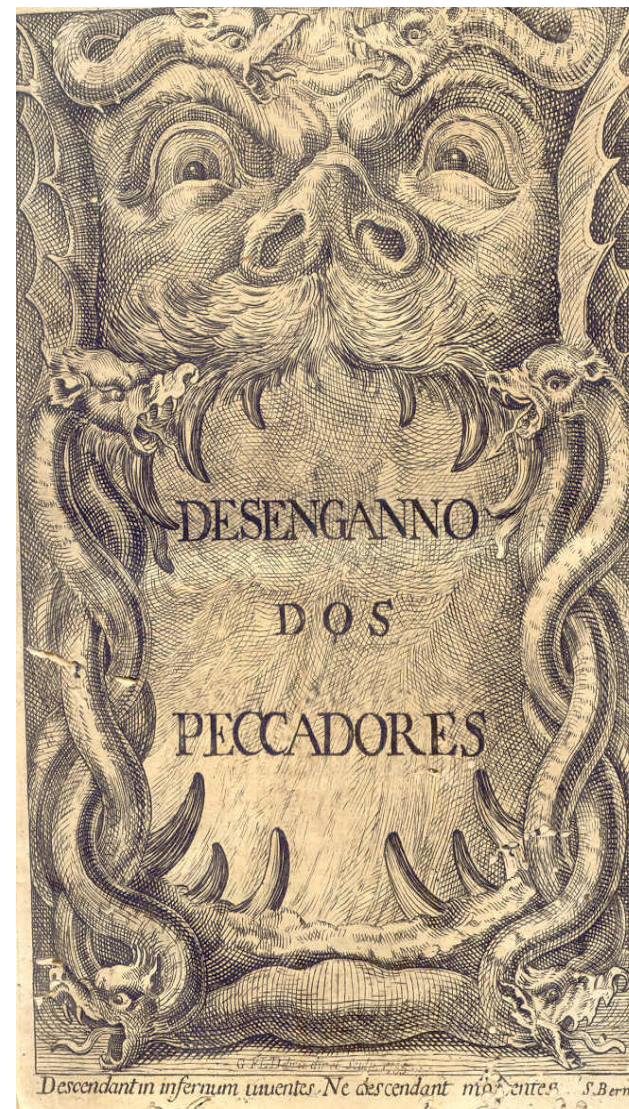
Higienização:
Anete Soares (COP)

Imagens:

📖 **Capa:** “Boca do inferno”, representação demoníaca, utilizada para intimidar os pecadores. In: PERIER, *Desengano dos peccadores...* Lisboa, 1765.

📖 **Dobra 5:** “Tormento dos soberbos”. In: PERIER, *Desengano dos peccadores...* Roma, 1724.

Ao Pio leitor...



...o pecado!